

MUDAR?



Qualidade Devida Luísa Schmidt

sociedade@expresso.imprensa.pt

Mudar ou ser mudado faz uma grande diferença. Não foi por falta de avisos. Os mesmos erros de um sistema em guerra contra a Natureza geraram a vulnerabilidade em que estamos a viver hoje. O sistema não criou o vírus. Mas criou a exponencial vulnerabilidade que nos coloca nas suas mãos com esta rapidez e com esta envergadura. Aquilo que pode parecer e até ser racional numa dimensão do sistema torna-se facilmente irracional noutra. As razões sociais têm destas coisas. É preciso pensar racionalmente a várias escalas de valores e de propósitos.

Quando há poucos meses, ainda que nos pareçam hoje já

longínquos, vários movimentos sociais, sobretudo juvenis, insistiam para que se fizessem mudanças rápidas para poderemos ir a tempo de ter futuro, tudo parecia um exagero de pressas. Havia que mudar, mas muito devagar, de modo a não abalar o sistema que causara os problemas. Tratava-se das alterações climáticas. Mas agora é a sobrevivência. De repente, tudo o que parecia precisar de calma e tempo vê-se obrigado a mudar depressa ou, pior, precipitada e tumultuosamente. Entre a emergência climática e a emergência sanitária a ligação é clara. Perante isto, como mudar depressa, mesmo muito depressa?

A crise viral tem revelado um leque surpreendente de reações: desde as mais patéticas ou patéticas negações, ironias, cinismos e oportunismos, até ao pânico irracional (como o do açambarcamento do papel higiénico!). No meio de tudo isto brilha a lucidez e o heroísmo de quem está a construir decisões, a tomar medidas e ações, a dar informação quotidiana, e sobretudo os que

estão na primeira linha, frente aos doentes, ou seja, a seres humanos na sua mais fragilizada condição.

Um dia, em breve esperamos, quando a pandemia estiver em recuo ou vencida, nada voltará a ser como dantes. Nessa altura, quando se voltar a falar de emergência climática, de risco, de necessidade de mudar depressa o nosso viciado sistema de vida no sentido da sustentabilidade, vamos ter todos em mente o que foi preciso fazer para salvar gente da pandemia e o quanto nos custou em sofrimento e em bens não ter mudado no tempo em que era preciso fazê-lo sem os atropelos e as tragédias a que os colapsos sempre levam.

A crise viral e a crise ambiental global não são dois factos alheios um ao outro e ambas deixam totalmente exposta a absoluta insustentabilidade de um sistema que criou problemas de uma escala imensa que já não consegue resolver e que só se agravarão se tudo continuar como antes. Florestas, biodiversidade, oceanos, escassez de água,

pobreza, emissões, migrações, contaminações, lixeiras, eventos extremos... não vale a pena enumerar o que já todos sabemos e relembrar os custos de não agir.

Racionalidade precisa-se. Uma nova economia e uma nova política também. Mais inteligente, mais cooperativa, mais circular, mais partilhada, mais ética e sobretudo mais humana. Agora que sabemos o que é mudar e mudar depressa, mudar até depressa demais, temos à nossa frente outros problemas de mudança que não podem ficar para trás. Vivemos atualmente em sobressalto quotidiano, e por isso é difícil pensar a prazo ou vislumbrar soluções. Mas há que fazê-lo, e já. A sustentabilidade em todas as suas dimensões não é uma opção; é a condição de toda e qualquer opção.

A mesma coisa em ambos os lados da crise global está em causa: a sobrevivência do ser humano e de valores tão básicos como a justiça, o conhecimento científico, a democracia e o reconhecimento de pertencermos todos a todos.